

A TRADUÇÃO LITERÁRIA: IMAGENS DA PROXIMIDADE NA DISTÂNCIA ENTRE ITÁLIA E BRASIL

LA TRADUZIONE LETTERARIA: IMMAGINI DELLA PROSSIMITÀ NELLA DISTANZA TRA L'ITALIA ED IL BRASILE

Roberta Barni (USP)

Resumo

O presente texto busca apresentar alguns pontos de reflexão sobre o ofício da tradução, os quais surgiram em primeiro lugar da experiência como tradutora literária, de estudos de teoria da tradução, de pesquisas sobre o tema e do ensino de literatura italiana para estudantes brasileiros, cujo caráter deve ser sublinhado uma vez ensinar uma literatura em um país que não o de origem pode provocar mudanças no ponto de vista, favorecendo o enriquecimento de nossa mente.

Palavras-chave: tradução, tradução literária, ofício da tradução, Brasil, Itália

Riassunto

Con questo lavoro vorremmo presentare alcuni punti di riflessione sull'ufficio della traduzione, nati inizialmente dall'esperienza di traduttrice letteraria, da studi sulla teoria della traduzione, da ricerche su questo tema e dall'insegnamento di letteratura italiana per studenti brasiliani, il cui carattere dev'esser messo in evidenza, visto che insegnare letteratura in un paese che non è quello d'origine può provocare cambiamenti sul punto di vista, favorendo l'arricchimento della nostra mente.

Parole chiave: traduzione, traduzione letteraria, ufficio della traduzione, Brasile, Italia

Este trabalho pretende apontar alguns temas de reflexão sobre o ofício da tradução, reflexões que brotaram em primeiro lugar de minha experiência

como tradutora literária, de alguns estudos de teoria da tradução, de pesquisas sobre o tema e do ensino de literatura italiana a estudantes brasileiros. Penso que esse é um caráter a ser sublinhado, porque ensinar uma literatura, qualquer literatura, em um país que não o de origem – portanto de um horizonte exterior àquela tradição cultural e literária – não raro leva a mudar o ponto de vista, e como podemos intuir, qualquer mudança de ponto de vista sempre é um enriquecimento de nossa mente.

Como falamos de tradução, gostaria de começar mencionando um conto do escritor húngaro Dezső Kosztolányi (1885-1936) intitulado “O tradutor cleptomaniaco”, publicado no Brasil em volume homônimo. Em 1908 Kosztolányi foi um dos fundadores da revista “Occidental” cuja proposta, entre outras, era a de desprovincianizar a cultura de seu país. Já pelo título esse conto promete uma aventura metafórica. ***O tradutor cleptomaniaco***. Poderíamos nos perguntar: o que o tradutor subtrai furtivamente? E ademais, por que a alusão à cleptomania? Como sabemos, trata-se de uma patologia compulsiva, irrefreável, uma tendência mórbida ao roubo. Do ponto de vista psicanalítico, é um mecanismo de compensação, uma atração fatal por determinados objetos, cujo valor muitas vezes é apenas relativo, pessoal, nem sempre válido para o comércio. Poderíamos nos deter muito mais nessa exploração de territórios, elencando as tantas outras imagens alusivas que se desencadeiam do título em chave irônico-metafórica. Aliás, a própria construção da narrativa se desdobra em inúmeras ocasiões de sutil ironia sobre a tradução e o ofício de tradutor: “(...) Por onde sua pena de tradutor passasse, sempre causava prejuízo aos personagens, mesmo que só se apresentassem naquele capítulo e, sem respeitar móvel ou imóvel, atropelava a quase indiscutível sacralidade da propriedade privada” (KOSZTOLANYI, 1996, p.10).

A imagem do *tradutor cleptomaniaco* remete ao velho e temido prejuízo ao texto e às personagens causado pela tradução. Estão aí os antigos problemas

da tradução vista como *mal necessário*, da impossibilidade da tradução e várias outras alusões desse tipo que poderíamos completar com alguns preconceitos internos ao próprio universo da tradução e que poderíamos resumir sucintamente no desejo de afirmar a indubitável superioridade da tradução literária sobre qualquer outro tipo de tradução; e no universo da tradução literária, a superioridade da poesia em relação à prosa e assim por diante. Isto vale sobretudo em âmbito acadêmico. Fala-se com certa frequência de tradução literária, mas sem que haja uma conceituação do termo, sem pensar em seu significado, ou melhor, em seus vínculos e possibilidades que, penso, dependem da angulação a partir da qual o examinamos.

Por sua natureza múltipla, o conceito de “tradução literária” se expõe a muitas possíveis interpretações. Podemos entender “tradução literária” como a tradução de literatura, simplesmente. Significaria talvez traduzir ficção? Claro. Trata-se de prosa, portanto. Mas, e a prosa poética? E a poesia? E mais, não poderíamos pensar na tradução de ensaios? Sim, claro. Especialmente se considerarmos o fato que boa parte da produção editorial é de ensaios e que, não raro, o ensaio renteia a lírica. Apesar de ser de uso comum, mais do que de tradução *literária* talvez devêssemos falar de tradução *editorial*, até porque não só não podemos negar a natureza mista que sempre caracteriza todo escrito, mas também porque temos de reconhecer que riqueza e complexidade, se de um lado nos apresentam desafios árduos, do outro se revelam muito mais interessantes.

A aposta que qualquer texto digno de respeito coloca em jogo sempre se situa num limite sutil, friável. Muitas vezes os textos se mostram mais intensos precisamente em seu extremo limiar, desdobrando-se em fronteiras não muito claras, ora marcam um limite que logo em seguida rompem, como se fosse uma barreira a ser superada. E os limites estão aí para serem ultrapassados. Quantas descobertas científicas, que hoje nos parecem bastante “naturais”, constituíram, em sua origem, uma espécie de “subversão” das

barreiras disciplinares! Em literatura, ademais, seria ação temerária querer manter a poesia à distância. Nas vestes de tradutora, perdi a conta das vezes em que me deparei em jogos de metamorfoses nos quais a prosa se transforma em poesia para logo depois se transformar em alguma outra coisa, em um caleidoscópio de linguagens.

Se tivesse de mencionar um caso, poderia falar de Angelo Maria Ripellino e de seu livro *Il trucco e l'anima*, traduzido para o português como *O truque e a alma*¹. Defini-lo “ensaio” seria demasiado redutivo, apesar de ser *também* um ensaio: um ensaio nas vestes de romance, uma prosa poética, uma poesia em prosa, um texto lírico para um estudo sobre o teatro russo (e portanto também com referências decididamente técnicas) pré e pós revolução. Ripellino, poeta, ensaísta, crítico teatral, jornalista, refinado estudioso da cultura eslava, vai para a União Soviética onde consegue ter acesso a arquivos proibidos e extremamente preciosos. Fala-nos de um momento crucial para o teatro moderno, a riquíssima forja do teatro russo do qual, por exemplo, deriva nossa concepção moderna de “direção teatral”. Ripellino escreve esse romance-ensaio, poético em muitos trechos (repito, o autor foi um poeta), que se tornou obra de referência obrigatória para os estudiosos de teatro do mundo todo e de todas as épocas.

Mas por qual motivo mencionei isso? O que esse livro tem a ver com as nossas reflexões? Bem, trata-se do livro de um escritor italiano, traduzido em português para o Brasil, que trata do universo artístico, teatral e político russo – à época União Soviética, e nos coloca diante de muitos dos nós cruciais da tradução editorial. Uma maneira, essa, de repatriar na tradução literária uma

¹ A tradução desse título, aliás, foi um interessante motivo de reflexão. Problematicada a questão, ela foi discutida com o editor. A escolha final deveu-se mais a motivos externos ao texto (segundo o editor, era a opção que resultava mais atrativa para o leitor). Senão vejamos: o título original é derivado do verso de uma poesia de Pasternak, dedicada “aos Meyerhold” [o casal], que o autor coloca em epígrafe a um dos capítulos do livro que trata, justamente, de Meyerhold. Na poesia de Pasternak, o termo original para *trucco* está significando maquiagem. Por outro lado, o termo *trucco* em italiano é polissêmico, significando também truque, expediente. Claro que Ripellino, como bom poeta que era, tirou proveito dessa polissemia ao utilizá-la, salientando a oposição entre exterior e interior, entre aspecto e essência, para intitular seu estudo sobre o teatro. Como a dizer: do palco aos bastidores.

situação inimaginável. E essas situações, aparentemente limítrofes, não são tão raras. Outro autor que poderia simbolizar muito bem o tipo de situação que estou tentando descrever é Vincenzo Consolo, que em seu *Retablo, de 1987*, romance ambientado na Sicília do século XVIII, não hesita em lançar mão do dialeto siciliano, muitas vezes arcaico. Aquele dialeto provem de uma voz narrante milanesa que mimetiza as palavras ouvidas na Sicília setecentista, com a qual tem um vínculo emocional por vezes idealizado, já que se trata da terra de sua amada, ausente, a noiva prometida naquele momento ausente, à qual o protagonista dedica seu ‘diário’ de viagem. O romance se abre com uma poesia que dura uma página inteira, que se refere a flores e frutas cítricas da Sicília, a cores e odores totalmente desconhecidos no Brasil. Ao mesmo tempo, são fortes os ecos da tradição poética siciliana do alvorecer da literatura italiana, e também da metáfora quase incessante da Itália contemporânea.

Não são apenas esses, naturalmente, os desdobramentos possíveis. Outro aspecto interessante: em literatura podem ser tocados aspectos técnicos inimagináveis. Ainda me remetendo à minha experiência de tradutora, poderia falar, por exemplo, de contos cujo poder narrativo se transfigura, em intervalos, em jargão técnico aeronáutico, como no caso de *Staccando l'ombra da terra*, de Daniele del Giudice², escritor que também é piloto amador, e que compõe esse livro cujo fio condutor, justamente, é o tema aviação. Essa tradução me proporcionou a superação de uma espécie de lugar-comum que reconhece a utilidade da pesquisa e da utilização de jargões e glossários somente no que tange aos tradutores técnicos. Esse preconceito, disseminado especialmente na academia, não acrescenta nada de interessante à questão, ao contrário ergue barreiras inúteis e indesejáveis.

Pensemos, contudo, naqueles romances que, devido ao intenso dialogismo de sua composição, se tornam uma verdadeira *mise-en-scène* textual,

² Traduzido com o título *Quando a sombra descola do chão* e publicado pela Companhia das Letras.

como no caso de alguns romances de Tabucchi (*Sostiene Pereira*³ valeria como amostragem); ou no desafio que a tradução do romance *City*, de Alessandro Baricco apresentou, tornando necessário entender alguma coisa de boxe, de futebol e até de filmes de bague-bague, temas que impõem atualizações e estudos que consideraríamos improváveis.

É isso: a tradução editorial pode levar a todas essas situações. Importante é notar que um texto, um único texto, pode oferecer um desafio múltiplo. Por isso, qualquer rótulo que tentemos lhe aplicar – em geral para nos sentirmos mais seguros – se revela estreito, reduutivo. Mas por que procuramos nos sentir mais seguros? Talvez para obtermos uma falsa sensação de “possibilidade”, para poder conhecer o texto e, talvez, dominá-lo. Pensando bem, trata-se de uma questão de poder, de posse, de domínio. E não há nada de mais deletério e contraproducente nesse campo (mas somente neste?) do que tropeçar na ilusão de já saber, de já conhecer. Para chegar a saber alguma coisa, temos de abrir mão de qualquer pretensão de posse.

Penso que a pergunta deve alcançar a raiz da questão: o que estou fazendo quando traduzo? E mais: o que significa traduzir? Com isso chegamos à primeira tentativa de definir a tradução. A tradução é um encontro, uma aproximação gradual, um movimento de aproximação a uma terra estrangeira, ao estranho, ao que Freud chamava de *un-heimlich*. Para que eu possa realizar essa aproximação, para que eu possa realmente estar aí nesse encontro, deve haver três condições de possibilidade (e de verdade):

1. Reconhecer uma alteridade;
2. Marcar a diferença;
3. Acolher em mim a diferença.

³ Traduzido com o título *Afirma Pereira* e publicado pela Editora Rocco. Nesse caso também, o título da obra traduzida proporcionaria uma reflexão à parte, e precisamente sobre o processo editorial que, aos olhos do leitor, não raro se dissimula sob os trajes da tradução *tout court*, mas essa é outra história.

Somente a transição por esses três níveis possibilita-me delinear minha concepção de tradução. Seria impossível traduzir sem a concepção da distância. Mas percebo que minhas palavras ainda são imprecisas. Nesse caso, o português me socorre: a tradução é uma *tomada de consciência* da distância. Noutras palavras, ao traduzir tomo conhecimento de uma distância – no mínimo geográfica e cultural – entre duas comunidades linguísticas diferentes e, portanto, entre duas comunidades de destinação.

Gostaria de me deter um pouco mais sobre a postura necessária para manter viva essa relação, que, apesar dos desgastes do tempo, ainda conserva intacto o seu fascínio. E penso em Jorge Luis Borges (Las versiones homéricas), quando escreve: “Nenhum problema está tão intimamente ligado à literatura e a seu modesto **mistério** quanto aquele que a tradução coloca”.

Um escritor que amo me leva na direção do *mistério*. O modesto mistério do texto. Mas de que mistério se trata? Questão delicada, evidentemente. Deveríamos nos aproximar do texto tomando cuidado para não violar sua relação íntima com a sombra, aclimando-nos assim aos claros-escuros de sentido e de forma. De outro modo, como diria Adriano Marchetti – que partindo de Valéry e das línguas que tendem a se amar definiu, afortunadamente, a tradução como “ato de amor” – correríamos o risco de quebrar o encantamento. Mas nós sentimos atração pelo mistério. A tal ponto que se o desvelássemos por inteiro, todo gesto perderia seu sentido.

Talvez devêssemos simplesmente prestar ouvidos ao texto, precisamente como os fenomenologistas, que com sua postura teoricamente atórica de “ir às coisas mesmas” tentam deixar que as coisas falem na superfície por profundidade. Isto é, deveríamos nos aproximar do texto sem nenhuma pretensão de possuí-lo, sem a ilusão de já sabermos, com uma humildade infinita, de maneira precisamente oposta à pretensão de explicá-lo o sentido. Uma humildade que é abertura à surpresa, à descoberta. Como o olhar de uma criança, aberto à novidade, curioso, inocente. Mas não

ingênuo. Sobretudo, recordando sempre que não há atitudes ‘neutras’ na abordagem analítica de um texto, porque tudo que pudermos ouvir, pensar, compreender provém de nossa capacidade de escuta, de pensamento, de compreensão, de nossa disponibilidade, de nossa mente, de nossa cultura, de nossa capacidade de transitar por culturas diversas e compreender como, na origem, aquele vocábulo existe por estar intimamente ligado ao olhar que o cunhou, para descrever alguma coisa que é produto daquele mesmo olhar. Como disse Mauro Maldonato, um autor que traduzo e com o qual colaboro com certa frequência, traduzir talvez seja um pouco como procurar ver o mundo com os olhos do outro. Acho-a uma definição feliz.

Há, enfim, que aguçar os sentidos e ficar em silêncio, para dar espaço ao ruído do texto, para a ele se abrir procurando, especialmente nas entrelinhas, entre o não-dito do texto, toda sua eloquência, e se tivermos sorte, então, talvez, poderemos nos aproximar daquele seu mistério.

A obra textual, seja ela qual for, é sempre resultado de um percurso combinatório realizado pelo próprio autor. O texto que temos em mãos é já a atualização de uma infinidade de escolhas, num repertório de alternativas que, mesmo eliminadas na apresentação final, continuam a perturbar dialogicamente a forma atual. (Machado, 1993, p. 190)

É a mesma imagem que o poeta Jabès, por exemplo, nos oferece da página branca, do embate quase físico do poeta com o branco da página, ou de Italo Calvino quando, referindo-se à maior dificuldade da escrita, afirma que ela reside em tirar, em cortar, em retirar, e não em acrescentar. Deveríamos também meditar no significado de texto ‘original’, no papel da tradução ou, mais especificamente, no papel do tradutor.

Apel (1993, p.19), refletindo a respeito da tradução (e acrescenta “e não apenas a tradução de poesia” – e esse apostrofo deveria ser, para nós, motivo de reflexão adicional), diz que

é uma das atividades mais complexas do espírito humano. Ao traduzir é necessário satisfazer inúmeras condições – frequentemente em recíproca contradição – a tal ponto que, no decorrer da história do problema tradutório, não raro as armas analíticas são depositadas, e se afirma que a tradução, de fato, é uma operação impossível.

Apesar das inúmeras teorias e das diferentes posturas da análise crítica do ato tradutório, o trabalho constante dos tradutores tem demonstrado, ao longo da história da produção humana – na Itália cerca de 50% das publicações editoriais são traduções e no Brasil esse número está entre 70 e 80% – que tradução é uma operação possível sim, mas que implica problemas extremamente complexos que dizem respeito à operação de transposição cultural que, em última análise, é a essência da tradução. Um ponto nevrálgico que nos interessa particularmente é: como transpor a realidade extralinguística que transparece no texto a ser traduzido para um leitor que não pertence àquela realidade extralinguística?

É natural que as línguas, que se formaram em paisagens diferentes e com base em experiências diversas, sejam incongruentes, dizia Ortega y Gasset (1985, p.63-105) dando o exemplo da discrepância entre o vocábulo *bosque* em espanhol e *Wald* em alemão. Essa é “a clara intuição da enorme diferença que existe entre essas duas realidades. É uma diferença tão grande que não só as duas realidades são enormemente incongruentes, mas também o são quase todos os seus reflexos intelectuais e emocionais”.

Portanto o primeiro problema é o de perceber que o texto que traduzo é outra coisa que não eu ou meu mundo. É um desconhecido, um estrangeiro. Pensemos bem, então. Estamos num paradoxo. Porque no exato momento em que sublinho a diferença, a distância, no mesmo instante se inicia meu movimento de aproximação, e, por conseguinte, a aproximação do leitor àquela mesma realidade. Há inúmeras razões para sermos céticos com relação à ideia da tradução como comunhão, como incorporação do ‘espírito’ do

outro, como fusão, em poucas palavras. Antes, seria um motivo de confusão. E não desejamos confundir a perspectiva, mas sim assinalá-la.

Retornando a Ortega y Gasset, é preciso salientar que no mesmo instante em que ele reconhece a impossibilidade de suscitar no leitor o mesmo reflexo intelectual e emocional – isto é, no mesmo momento, poderíamos dizer, em que afirma a impossibilidade da tradução –, aponta a solução. Pois ele afirma que o homem, cuja atração inesgotável se dá constantemente rumo à própria superação, sempre irá intentar a tradução, já que uma de suas vocações é transformar em possível o impossível. E nessa altura Gasset menciona Schleiermacher, quando este afirma que a tradução é um movimento que pode ser tentado em duas direções opostas: levar o autor à linguagem do leitor, ou então levar o leitor à linguagem do autor (e aqui, em 1813, temos a semente, o fundamento das modernas teorias da tradução, a escolha entre a fluência e o deixar aflorar a diferença, o gesto político *versus* as tendências de homologação, enfim, o que hoje chamamos de domesticação ou estrangeirização). Mas notemos que, embora em termos diferentes, a mesma questão já está posta nas epístolas de São Jerônimo. O que seria, senão isso, o contraste entre ele e Santo Agostinho?

Eis os termos da questão para Gasset:

O ponto decisivo permanece o de procurar, ao traduzir, afastar-se de nossa língua para ir em direção às outras e não o contrário, como se costuma fazer.

e acrescenta:

Imagino portanto um tipo de tradução que seja feia (...) que não seja fácil de ler mas que seja ao contrário muito clara, ainda que essa clareza exija **um grande número de notas de rodapé.** (1993, p.204-5)

Ingerência excessiva poderia exclamar o editor, para depois remeter o dilema ao tradutor. Mas as coisas não são assim. Se tivéssemos de perceber o texto de partida como um texto ‘sagrado’, e nossa ‘missão’ de tradutores, a de

decifrá-lo (mas, por favor, sem muito alarde, na ponta dos pés, na camisa de força da ‘transparência’ e da ‘fidelidade’ – só para usar alguns dos lugares-comuns em tradução) nós próprios estaríamos nos designando uma tarefa impossível. Todavia, se partirmos do princípio evidente de que a tradução será nossa (minha) leitura (apenas uma leitura) do texto de partida, eis que a perspectiva muda. Nos liberamos dessa ‘ética da transparência’ para assumir, em plena responsabilidade, o papel de autores da tradução, que é outro texto. É um caminho, um caminho a ser percorrido. Nesse sentido gosto de mencionar Antonio Machado quando afirma:

Caminantes, son tus heullas
el camino e nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.

O grande desafio está no percurso, numa viagem com vistas a metas nada garantidas. Não sabemos para onde o caminho nos levará, mas sabemos que temos de percorrê-lo até o fim, passo após passo, a cada vez como se fosse da primeira vez. Nessa viagem passaremos por limites tênues e estreitos. Uma fronteira que não pode ser ultrapassada, uma estreita faixa de terra. Para utilizar mais uma metáfora nietzschiana, traduzir é como andar numa corda esticada no vazio. É necessária extrema atenção para não nos precipitarmos no abismo.

O que faz o tradutor então? Gosto de utilizar a conhecida alusão ao palimpsesto. Gosto de pensar que toda tradução é um palimpsesto: *um antigo manuscrito em pergaminho*, um escrito embaixo e esse escrito em cima, destinado, por sua vez, a ser reelaborado. O percurso da tradução, dizíamos, é a viagem: quem escolhe os caminhos a serem tomados a cada vez é, precisamente, o tradutor. Abri meu raciocínio com Borges, gostaria de encerrar com outra frase dele: *quando você estiver diante de uma encruzilhada, tome-a.*

Referências Bibliográficas

APEL, F. *Il manuale del traduttore letterario*. A cura di Emilio Mattioli e Gabriella Rovagnati. Milano: Guerini e Associati, 1993.

BORGES, J.L. Las versiones homéricas (1932). In *Discusión*. Buenos Aires: Manuel Gleizer, 1932, pp. 139-150.

KOSZTOLANYI, D. O tradutor cleptomaniaco. In: *O tradutor cleptomaniaco e outras histórias de Kornél Esti*. Trad. de Ladislao Szabo. São Paulo: Editora 34, 1996, pp. 7-18.

MACHADO, A. “O sonho de Mallarmé”. In *Máquina e Imaginário*. São Paulo: Edusp, p. 165-191.

ORTEGA Y GASSET, J. “Misericordia e splendore della traduzione”. Traduzione di Amparo Lozano Raniero e Claudio Rocco. In: Siri Nergaard (a cura di) *La teoria della traduzione nella storia*. Milano: Bompiani, 1993, pp. 181-206.